



Iporanga, São Paulo

Viagem ao Centro da Terra

Texto de CESARION PRAXEDES

Fotografias de VIC PARISI



ERA noite quando saímos da caverna do Rôncador, em Iporanga, no sul de São Paulo. A noite mais clara que já vi, apesar da ausência da Lua. As estrelas brilhavam mais do que de costume, e as montanhas que cercam o vale Betari-Alto Ribeira, imponentes, mostravam-se com nitidez. Paramos na porta da caverna e, por alguns momentos, não nos atrevemos a quebrar o silêncio. Estávamos na porta que separa os dois mundos: um, silencioso e escuro; o outro, sonoro e luminoso. Luminoso mesmo à noite, e que quase ofusca quando se deixa a profunda e silenciosa escuridão de uma caverna. À nossa volta se foram acomodando os homens que vivem nesses dois mundos e que, pacientemente, nos haviam conduzido pelos labirintos subterrâneos. Passáramos o dia e quase toda a noite naquele mundo de animais cegos e albinos, onde a natureza brinca de escultora, criando fantásticas formas nas rochas. Naquele momento eu me conscientizei do quanto aqueles homens eram privilegiados, e não me importei que se divertissem com meu deslumbramento. Acostumados a visitar lugares onde nenhum ser humano havia pisado antes, os espeleólogos nos mostraram uma parte daquele estranho mundo subterrâneo do qual eles são exploradores, estudiosos e amantes.



A expedição foi organizada especialmente para a *Revista Geográfica Universal*, com o objetivo de documentar fotograficamente a caverna do Roncador, primeiro nome da gruta de Santana. Isso porque recentes descobertas colocaram Santana entre as galerias mais bonitas do mundo, embora o acesso a essas galerias não seja possível ao homem comum, sem intimidade com a espeleologia. A mim, no entanto, a tarefa não parecia tão difícil, pois se tratava apenas de seguir pelo leito do rio Roncador (afluente do Betari), que corre pelas galerias de Santana, e depois escalar algumas encostas que não ultrapassavam os setenta metros de altura.

Penetramos em Santana às dez horas da manhã de sábado, 23 de agosto, trajando macacões, capacetes com lâmparinas de carbureto, sapatos de tênis e agasalhos, e carregando muito equipamento fotográfico, cordas, escadas, alimentos e botes de borracha para os trechos mais fundos do rio. Alguns turistas que visitavam as partes

mais acessíveis da gruta nos espiavam, curiosos, e senti-me um tanto constrangido pelo que ainda acreditava ser um aparato demasiado para uma empreitada tão pequena. Éramos quinze, e, com exceção de nós três, da *Revista Geográfica Universal* — o fotógrafo Vic Parisi, eu e o motorista Orípides, que se arriscou a nos seguir —, todos os outros tinham experiência de gruta. As idades variavam de 19 a 52 anos, e havia uma mulher, Cecília Torres, estudante de biologia, de 23 anos.

Nos primeiros trezentos metros existiam pinguelas que serviam para os turistas terem acesso às galerias próximas da entrada. Depois tivemos que andar pelo rio, já que os paredões da gruta impossibilitavam a caminhada pelas margens. A água estava muito fria, e a marcha era lenta.

As primeiras grandes diferenças sentidas relacionavam-se com a falta de luz e de vegetação. O Sol fora substituído pelas pequenas chamas do carbureto nos capacetes, e a vegetação pelas estranhas formas

Antes da penetração na gruta, Guy, Geraldo e Peter estudam a montanha no mapa. Embaixo, parte do equipamento utilizado e Cecília e Clayton testando lanternas de carbureto.



de rochas genericamente chamadas espeleotemas. Os espeleólogos caminhavam naquela escuridão, e os pontos luminosos espalhavam-se pelo corredor. Era uma enorme fenda escura, e em suas paredes havia marcas das águas do rio, demonstrando que ele costumava inundar a galeria. Clayton Ferreira Lino, 22 anos, estudante de arquitetura, alpinista e espeleólogo, disse que aquela mudança no nível das águas impedia Santana de ser, em toda a sua extensão, uma gruta turística. "Mesmo que se construam pontes, continuará a existir o perigo, pois elas seriam inevitavelmente submersas e os turistas não saberiam como fugir", explicou ele. E continuou: "Em regiões de muita precipitação pluviométrica como esta, uma chuva forte inunda as grutas em poucos minutos. Muitas vezes o tempo está bom na área da entrada da gruta, mas pode estar chovendo na cabeceira do rio, o que provocará a inundação sem ninguém esperar, apanhando todos de surpresa."

Assim, é uma preocupação constante dos espeleólogos nas grutas a verificação do nível das águas. Eles andam sempre atentos à coloração e ao volume da água dos rios, e em caso de qualquer anormalidade procuram logo os lugares mais altos para se refugiarem. Uma pequena distração pode ser fatal, mas até hoje não ocorreu nenhum acidente grave com eles, apesar de já terem cadastrado 136 cavernas e grutas paulistas, sendo 103 no vale do Alto Ribeira, no sul do Estado, onde nos encontrávamos. Trabalhosos levantamentos topográficos foram feitos por conta própria, sem ajuda oficial, por amor à exploração ou "talvez por um pouco de altruísmo, mas na esperança de que, algum dia, sirva para muita coisa", como costuma dizer Guy-Christian Collet, presidente da Sociedade Brasileira de Espeleologia, que ia conosco.

Os trechos mais fundos do Roncador nos obrigaram a dar algumas braçadas. Molhado, comecei a sentir os primeiros efeitos de uma outra realidade das grutas: a umidade acima dos 95%, que não deixa as roupas secarem, provocando muito frio. Depois de uma hora de caminhada, aquela grande fenda passou a assemelhar-se a um túnel bem traçado, e as estalactites e estalagmites já não eram avistadas com muita frequência. Alguém que estava na frente gritou: "Há uma pedra no caminho." Era um gigantesco bloco que se havia desprendido do teto. Geraldo Gusso, 22 anos de idade, estudante de geologia, caminhava a meu lado. Perguntei-lhe se seria possível ocorrerem novos desabamentos, e ele respondeu afirmativamente. "Mas" — adiantou Geraldo —, "parte do teto desaba um dia e outra parte vai desabar depois de um milhão de anos. Ninguém pode garantir, porém, que não caia uma parte hoje. Nossa margem de risco, no entanto, é numa percentagem de um por um milhão — e por isso nos arriscamos."

Geraldo caminhava observando os paredões da gruta. "As cavernas nos oferecem cortes naturais, possibilitando um estudo melhor das camadas no subsolo", disse. "Expondo as rochas assim" — continuou, enquanto apontava para o paredão — "as cavernas mostram o comportamento dessas rochas e as possibilidades da mineralogia em profundidade. Informações sobre erosão, a gênese dos depósitos minerais, a formação dos solos, a

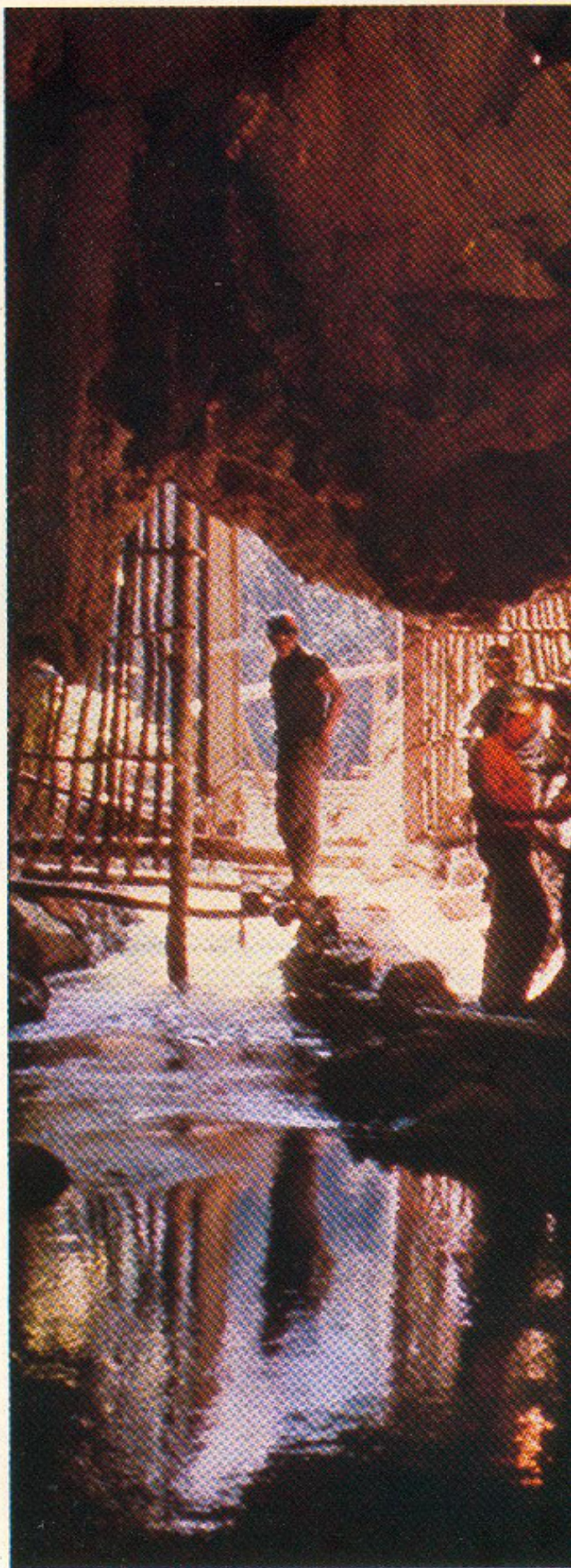
movimentação de águas subterrâneas têm sido colhidas nas cavernas através dos anos. Em termos de geologia geral, a caverna é muito didática."

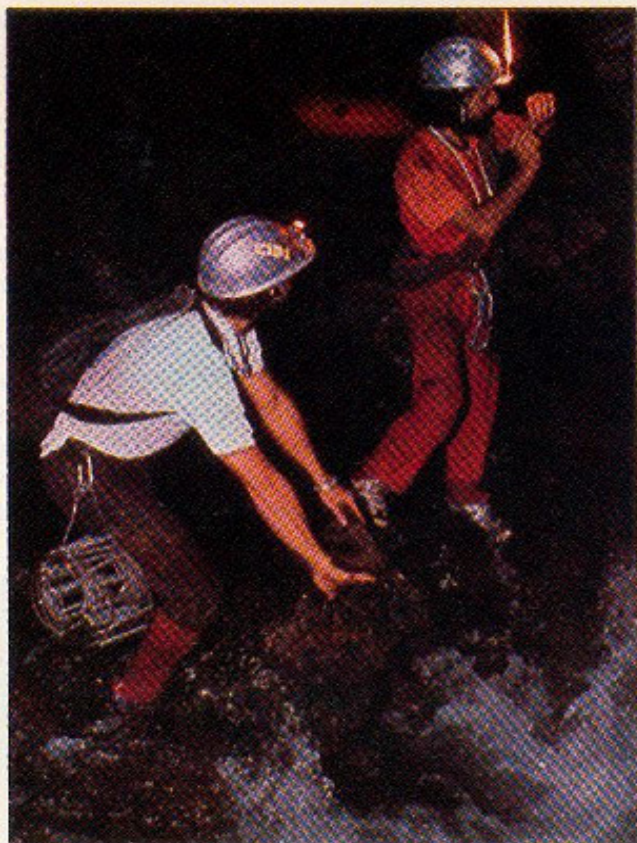
As inúmeras paradas para fotografar as partes mais bonitas do trajeto nos atrasavam. É que o material fotográfico estava acondicionado em sacos plásticos, para não molhar, sendo preciso retirá-lo para as fotos e depois voltar a guardá-lo a fim de continuar a marcha.

Guy Collet e Geraldo Gusso pediram que os planos fossem mudados. Havia necessidade de andarmos mais depressa, sem parar para fotografias, pois já estávamos caminhando havia duas horas e meia e não tínhamos percorrido ainda nem a metade do caminho. Fechamos as mochilas e apertamos o passo. A marcha prosseguiu num clima alegre, sustentado por uma cantoria liderada por Walter Schmich, de 26 anos, estudante de engenharia eletrônica, cuja voz de baixo ecoava pelos cantos escuros de Santana.

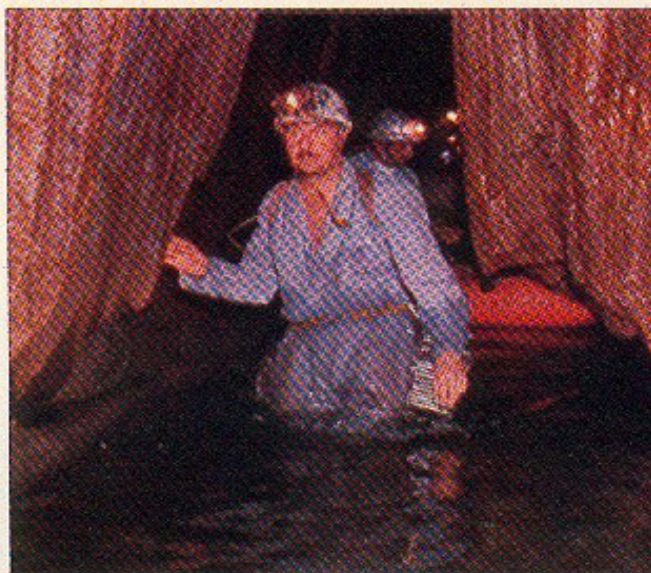
Estávamos caminhando havia quase cinco horas quando alcançamos o chamado Estreito do Afogado. Seguindo rio acima, chegaríamos ao Salão Ester, belo, mas sem a riqueza e variedade de espeleotemas dos salões que pretendíamos visitar. Naquele ponto, deixaríamos o leito do Roncador, que tanto frio nos havia feito sentir, mas que eu ignorava ser comparável a uma auto-estrada diante do que nos esperava. Clayton Ferreira Lino explicou que depois do Salão Ester não era possível continuar até muito à frente pela caverna. Seguindo o rio por uma galeria, esbarrava-se num sifão intransponível. A outra galeria existente era muito apertada, só sendo possível percorrê-la arrastando-se. Mesmo assim não se podia ir longe, pois qualquer esbarrão provocaria desabamentos. Clayton acredita que depois do sifão possam existir outras galerias e até mesmo salões, mas ainda não foi encontrado um caminho para alcançá-los. Santana tem, até agora, 5.800 metros medidos, mas o rio Roncador sai da montanha a dez quilômetros de distância do local por onde entra. "Por isso" — diz Clayton — "é muito grande a possibilidade de a gruta ser bem maior."

Antes de iniciarmos a escalada para as galerias superiores, almoçamos na beira do rio. Nas mais de quatro horas e meia de caminhada havíamos percorrido apenas cerca de dois quilômetros, mas o trecho mais difícil ainda estava para vir.



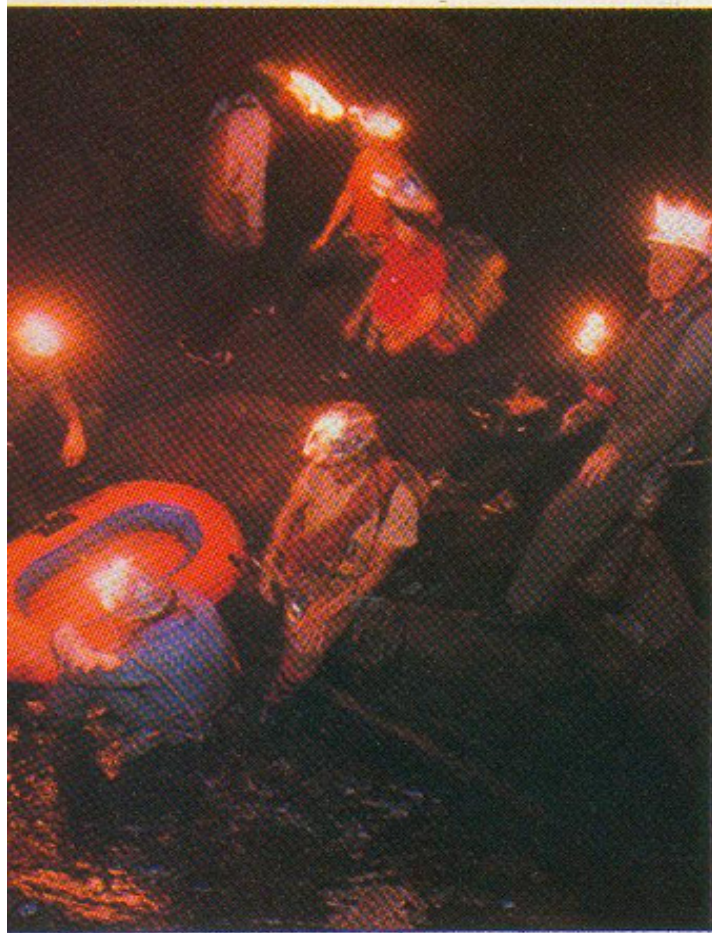


A entrada de Santana (foto da página anterior) dispõe de pontes para a penetração de turistas até trezentos metros. Depois só é possível seguir sobre o leito do rio. Na foto à esquerda, Clayton e Geraldo vencendo uma correnteza. Embaixo, Guy num trecho mais raso, e o repórter acabando de atravessar um poço a nado.

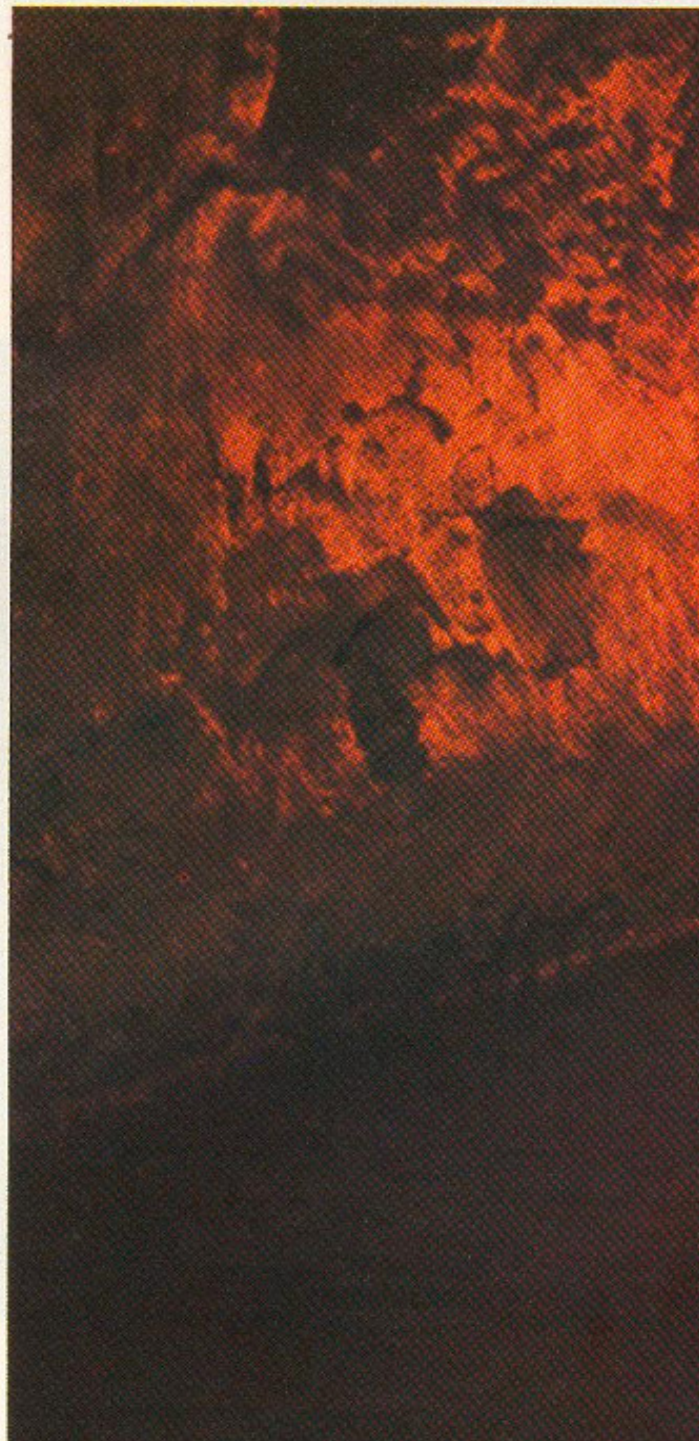


Geraldo, Cecília, Walter e Clayton eram os únicos do grupo que conheciam as galerias. Eles estiveram entre os onze componentes da Operação Tatus, dos quais apenas seis visitaram aquela parte da gruta. A Operação Tatus consistiu na permanência de quinze dias dentro de Santana, promovida pelos espeleólogos do Centro Excursionista Universitário de São Paulo (CEU) e que teve a colaboração dos outros grupos que formam a SBE. Os seis estudantes eram os únicos seres humanos que haviam andado por aquela parte da Terra, e a expedição para a *Revista Geográfica Universal* foi a primeira a penetrar em Santana após a Operação Tatus.

Enquanto Walter, Geraldo e Clayton escalavam o paredão da gruta e armavam escadas para o restante da turma subir com o equipamento, Guy Collet explicava como se desenvolveu a espeleologia em São Paulo. "No começo, as explorações eram feitas por grupos isolados, sem um maior planejamento, liderados pelo francês Michel Le Bret, um dos principais precursores da espeleologia no Brasil, juntamente com o engenheiro José Epitácio Passos Guimarães. Só em 1969 é que foi fundada a SBE, formada por quatro grupos, com áreas pré-selecionadas para explorar no sul do Estado. Nas férias, juntamo-nos para uma expedição maior



Às vezes (foto em cima), o grupo era obrigado a abandonar o leito do Roncador para ultrapassar enormes blocos de pedras caídos do teto. A maior parte do trajeto foi percorrida no leito do rio (à direita), cuja profundidade variava muito. Em algumas partes a gruta se assemelhava a um túnel bem traçado, trechos considerados perigosos, pois em caso de inundação não haveria onde buscar refúgio. Os espeleólogos andam sempre atentos ao nível e à coloração das águas, indicadores de possíveis enchentes.



em outro Estado. Já exploramos cavernas no Paraná, na Bahia e em Goiás. A maior caverna brasileira, a de São Mateus, em Goiás, com 13.800 metros medidos, foi explorada por uma expedição do SBE."

O barulho da escada atingindo a água, depois de jogada por Clayton de cima do paredão, interrompeu a conversa. O primeiro lance de escada era pequeno, de uns seis metros. Subimos por ela e escalamos um outro trecho sem ajuda de escada ou corda. O segundo lance, no entanto, de uns trinta metros, não era muito animador, e o frio tornava-se cada vez mais intenso por causa das roupas molhadas. Estávamos esperando que as mochilas fos-

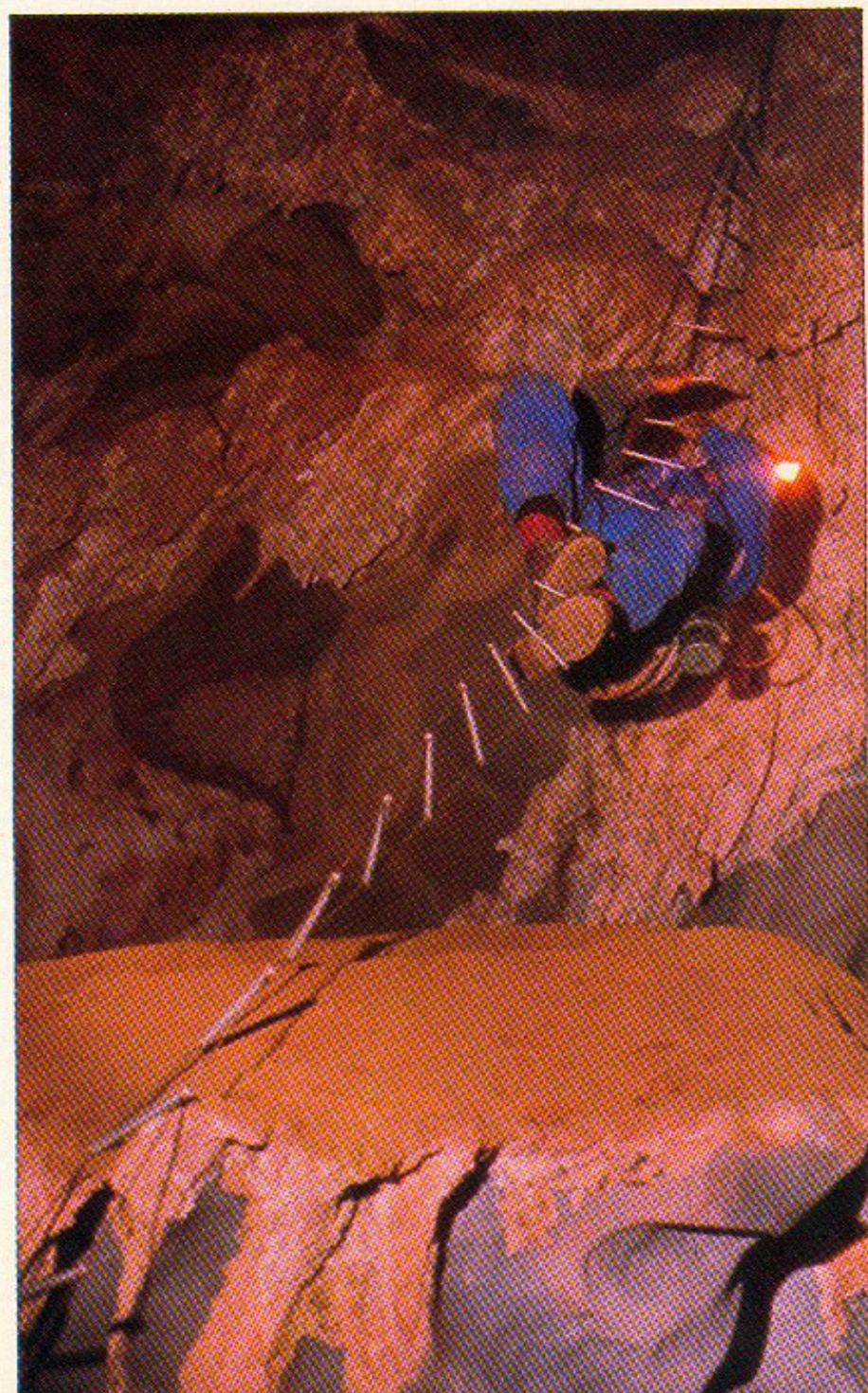
sem içadas por cordas através do segundo lance da escalada, encostados no paredão para nos proteger das pedras que de vez em quando caíam ameaçadoramente nas proximidades. Cecília, que acabara de guardar o material de coleta biológica, juntou-se ao grupo. Ela havia feito o trajeto procurando *Egla*, um crustáceo que habita as cavernas. "Estudo a população e a migração desse gênero de crustáceos", disse ela. Para Cecília, é necessário conhecer melhor os cavernícolas, "pois eles podem fornecer muitas informações relacionadas com espécies extintas, ou mesmo sobre as mudanças climáticas que tenham ocorrido na região da caverna".

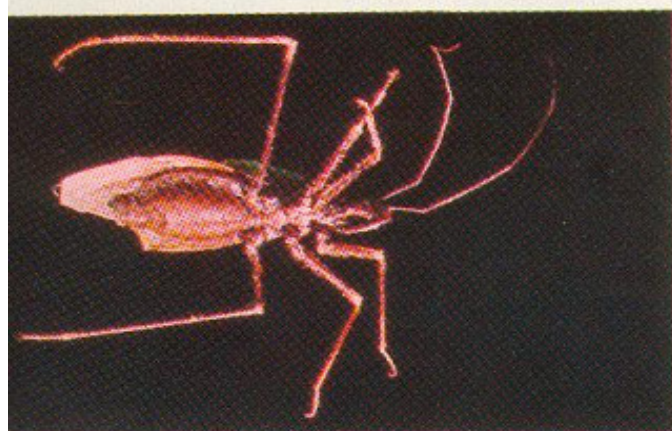
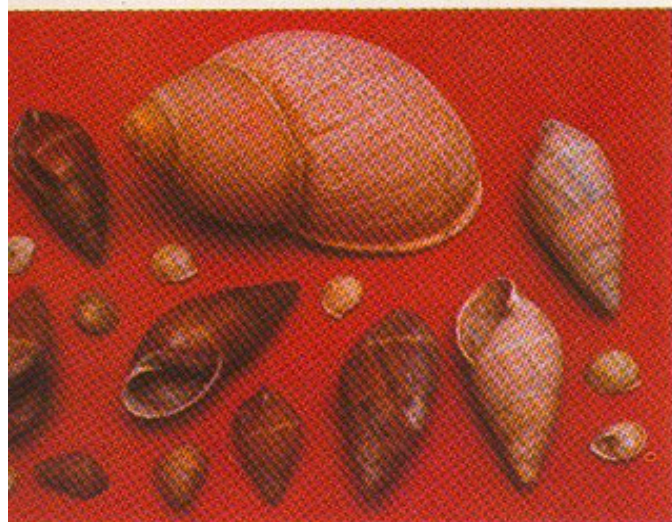






Lances de cerca de trinta metros de escada tiveram de ser vencidos pelos componentes do grupo para alcançar os salões recém-descobertos. Nas duas fotos grandes, à esquerda, o repórter subindo em direção aos salões. Ao lado, o grupo escalando outro trecho. Embaixo, na foto menor, Geraldo e Walter tentando alcançar o alto de um dos paredões. No pé da página, Clayton chegando ao alto do paredão.





A fauna nas grutas não é muito variada, mas bastante peculiar. Nelas são encontrados, fotos acima, desde caramujos até insetos e crustáceos cegos e albinos. A falta de pigmentação é causada pela ausência total de luz.

“Essas informações podem nos chegar” — continuou Cecília — “quando uma espécie não conseguiu viver bem na superfície — por uma deficiência visual, por exemplo — e se refugiou de seus predadores na caverna. Os predadores continuaram vivendo no ambiente externo, e, se esse ambiente mudou, eles, sem condições de se refugiarem nas cavernas, desapareceram da região. O ambiente poderia ser extremamente úmido e passar a muito seco. Dentro da caverna, no entanto, continuou como era antes, e as espécies que a habitam servem de testemunho de uma outra época”, concluiu ela.

Devido à ausência de sol e, portanto, de clorofila, a vida vegetal das grutas consiste em seres inferiores e microscópicos, entre eles as bactérias e os fungos. A fauna, por sua vez, é mais rica e bastante peculiar. Ela pode ser dividida em três categorias: os *trogloxenos* (do grego *troggle*, caverna, e *xenos*, hóspede), que são seres que passam parte de suas vidas nas cavernas e, normalmente, não ultrapassam as proximidades das suas entradas, como os ursos, pacas, porcos-do-mato, ratos, mosquitos, vespas, serpentes, algumas aves, morcegos e mesmo o homem; os *troglobílicos* (*troggle* mais *philos*, amigo), animais que podem sobreviver em meios úmidos e sombrios do exterior e que vivem com regularidade nas cavernas, como minhocas e certas espécies de salamandras, besouros e crustáceos; e os *troglobíticos* (*troggle* mais *bíos*, vida), animais que habitam as profundezas das grutas e que na maioria são cegos, algumas vezes sem olhos, e sem pigmentação, com desenvolvimento especializado e avançado dos órgãos necessários ao olfato e à locomoção nas trevas, adquirido através de milhares de anos de vivência nas grutas. Os insetos têm antenas e patas enormes e os peixes são brancos e sem olhos, sendo seus barbilhões sensitivos (antenas) alongados.

Os espeleólogos paulistas têm descoberto algumas espécies raras desses animais, entre eles um macho da aranha *Ctenus*, antes nunca visto, dois espécimes do crustáceo isópode terrestre e uma espécie de inseto até então desconhecida, um pseudo-escorpião classificado por *Pseudochthomiu strinati*.

“Allez, allez, mes amis de là-bas”, gritou Guy Collet, que já havia escalado o segundo paredão. A resposta de Cecília também foi em francês, demonstrando

que a influência da França na espeleologia paulista ainda é grande. Foram os imigrantes franceses os principais responsáveis pelo desenvolvimento do estudo das cavernas em São Paulo, e eles ainda continuam bastante ativos. Cecília subiu rápido pela escada e parou a uns quinze metros acima. Podíamos ver a luz de seu capacete, mas o resto da equipe já havia desaparecido na escuridão. Ela ficou no meio do caminho, em uma fenda, para nos dar segurança. Subi a escada com uma corda amarrada à cintura e puxada por Cecília. Cheguei ao alto, ofegante, e encontrei José Luís Yuste, que me puxara pela cintura na segunda etapa da escalada.

Yuste é um alpinista tarimbado. Economista, natural da Espanha, tem 49 anos de idade. Já escalou inúmeros picos brasileiros, e na Europa, entre outros, o pico de Aneto, o mais alto dos Pireneus, com 3.404 metros de altura. "Mas", explica Yuste, "eu acrescentei uma ciência ao puro esporte do alpinismo. No estudo prático da espeleologia nós somos obrigados a escalar como no alpinismo, mas não nos realizamos quando alcançamos o alto de um cume. Pelo contrário, quando atingimos certos lugares, podemos passar dias e dias pesquisando, mesmo que seja numa pequenina área de dez metros quadrados."

Arrastei-me por entre as frestas da gruta e fui encontrar o pessoal na frente. Estavam todos em uma fenda, e no seu paredão, de mais de quinze metros de altura, dois vultos de homem, braços e pernas semi-abertos, se locomoviam como aranhas. Eram Clayton Ferreira e Geraldo Gusso, que procuravam atingir no teto uma passagem que dava para as partes superiores da gruta. O momento era de *suspense*, pois, além de a parede ser vertical, estava molhada, e as frestas nas quais os dois se apoiavam apresentavam-se escorregadias. "Eles são muito bons, mas não precisavam correr o risco juntos. Bastava um deles subir." O comentário era feito por Peter Slavec, 35 anos de idade, químico nascido na Iugoslávia, mas vivendo no Brasil desde criança. Como Yuste, Peter é alpinista, e faz parte da diretoria do Clube Alpino Paulista, outra organização ligada à SBE.

Vencido o paredão, Clayton e Geraldo jogaram a escada e começamos a subir. O fotógrafo Vic Parisi deveria ir na frente, pois as galerias com os belos espeleotemas

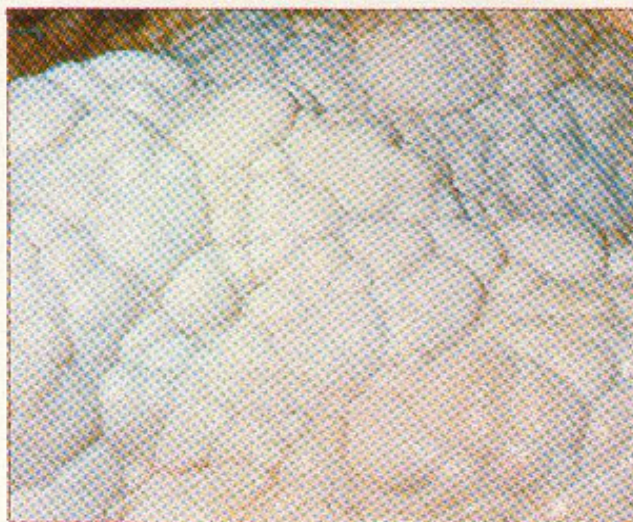


Foto Rob Bäck

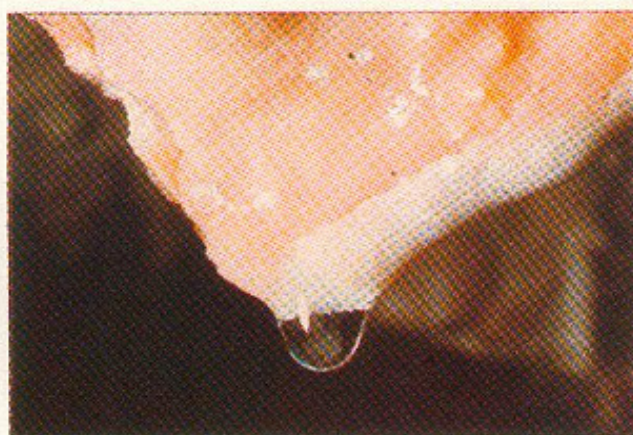


Foto Rob Bäck



Foto Rob Bäck

Os espeleotemas levam milhões de anos para serem formados. A foto mais ao alto mostra o processo de formação de uma estalagmite. Nas duas outras, o início e a fase mais adiantada do crescimento de uma estalactite.

estavam próximas, e a presença de muitas pessoas em seus interiores não era aconselhável, pelo menos para fotografias. É que o vapor emitido por nosso corpo era tanto que iria formar verdadeiras nuvens e embaçar as lentes.

Havia doze horas que estávamos dentro da gruta. Parisi começou a subir, e os primeiros dez metros foram suficientes para fazê-lo perder as forças: "Não agüento mais. Acho que vou cair", gritou ele. Foi um corre-corre. Gritamos para Geraldo, que estava na segurança, para firmar a corda. Clayton correu até a beira do abismo e jogou outra corda para Walter Schmich, que, por sua vez, subiu correndo por ela até onde Vic se encontrava. Ajudado, nosso fotógrafo voltou para baixo.

A caverna é traiçoeira. A umidade e o frio retiram nossas forças pouco a pouco. A escuridão faz perder a noção do tempo. Sem Vic Parisi — desanimado de prosseguir —, a expedição estaria praticamente perdida. Fotografar em grutas não é tarefa que amadores desempenhem bem. E ninguém queria responsabilizar-se pelas fotos. Mas Vic, depois de descansar, decidiu tentar subir novamente. Walter acompanhou-o através de uma corda paralela à escada, mas no meio do caminho Vic empacou de novo. Geraldo começou a puxá-lo pela corda de segurança, enquanto Walter o empurrava pelas pernas e, embaixo, gritávamos como uma torcida organizada. Finalmente, Vic desapareceu pela fresta próxima ao teto.

Alcansei, por minha vez, o alto do paredão, e ainda pude ver Vic sendo arrastado através de uma corda por uma outra fenda de meio metro de largura. Ele, Guy, Walter e Clayton seguiam pelos labirintos que davam acesso aos primeiros salões descobertos no mês de janeiro. Apressei o passo e fui encontrar Clayton admirando um conjunto de espeleotemas: "Tudo que há de delicado, em termos de espeleotemas, você encontra aqui", disse-me ele.

Alguém quebrou um espeleotema no salão ao lado. O barulho era o mesmo de uma vidraça esfacelando-se quando atingida por uma pedra. "Já começou" — disse Clayton. "Por mais cuidado que se tenha, é impossível andar por aqui sem quebrar alguma coisa. Precisamos evitar até mesmo pisar no chão com força, pois a terra vai tremer e, certamente, muitos espeleotemas se quebrarão", preveniu ele. E saiu na direção de onde tinha vindo o ba-

Estalactites, estalagmites, chãos-de-estrelas, rosas ou canudos: todas as formas de espeleotemas podem ser encontradas em Santana. Algumas das formações da gruta são tão delicadas que até mesmo a propagação do som pode quebrá-las.

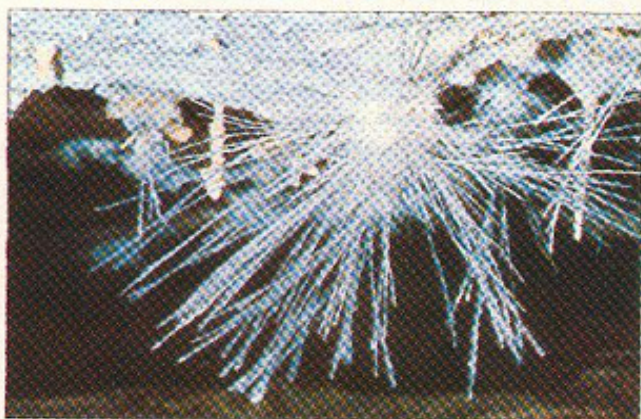


Foto Geraldo Gusso







ruído. Procurei segui-lo e fui parar no meio de milhares de espeleotemas. Alguns nasciam no teto e vinham até o chão, alcançando cerca de três metros de comprimento. Eram finos como lápis e brancos como leite. São os chamados *canudos*, e um deles estava tremendo, ameaçando partir-se. Clayton prendeu a respiração e segurou-o com as pontas dos dedos, cuidadosamente. Fez uma pequena pressão por alguns segundos e depois o soltou. "Assim ele pára de tremer e não se quebra", explicou. Mas os *canudos* tremiam e quebravam-se sem que ninguém os tocasse ou pisasse com força o chão. Era o som das nossas vozes que tinha o poder de destruir aquelas delicadíssimas formações.

Vic Parisi aproximou-se de mim, acompanhado de Breno Chvaicer, engenheiro eletrônico, 28 anos de idade, amante da espeleologia e da caça submarina. Breno tem mergulhado nos rios das grutas, com a finalidade de encontrar passagens para outras galerias através dos sifões.

Depois, fiquei novamente sozinho. Geraldo Gusso me havia falado sobre a formação das cavernas, e eu imaginava quanto tempo aquelas ornamentações tinham levado para crescer. Segundo Geraldo, é muito difícil dizer a idade das ornamentações e mesmo das cavernas. Algumas cavernas têm a mesma idade das rochas de onde se encontram. São as chamadas cavernas naturais, geralmente resultantes do resfriamento diferencial de magmas, particularmente de lavas viscosas, basálticas, expelidas pelos vulcões em suas erupções. Mas as grutas existentes em maior número são fendas resultantes de movimentos bruscos da crosta, ou cavidades originadas da erosão ou ainda da combinação de movimentos da crosta com fenômenos erosivos.

Walter Schmich gritou por mim, de uma distância que me pareceu consideravelmente grande. Pedi para continuar gritando, e segui na direção do som. Quando o alcancei, vi que quase todos os participantes da expedição estavam no local. Era um enorme salão, todo decorado com espeleotemas, o mais extraordinário espetáculo que eu já vira.

Tentávamos fotografar o máximo possível, documentando em detalhes, mas não havia jeito de fazer tudo o que queríamos. Poderíamos passar ali dias seguidos, e não conseguiríamos registrar tudo. Era meia-noite, o carbureto de nossas lâmpadas não

iria durar muito tempo mais e tínhamos de andar depressa com o trabalho. Vic Parisi já havia feito mais de trezentas fotografias, e Clayton, Geraldo, Peter e Guy, com suas máquinas, procuravam também ajudar na documentação fotográfica.

Alguns membros da equipe já tinham voltado para as primeiras galerias, pois muitos espeleotemas estavam sendo quebrados por causa da movimentação de pessoas nas galerias. Queríamos evitar a depredação da gruta, e parte do pessoal preferia não seguir em frente. Começamos a descer em direção ao rio, e as imagens dos espeleotemas não me saíam da cabeça. Depois de visitar aquela gruta, pude compreender por que a espeleologia apaixonou a tantos. Pierre Martin, um dos responsáveis pelo desenvolvimento da espeleologia no Brasil, e que não pôde acompanhar-nos, havia-me dito em São Paulo que Santana podia ser chamada de *Capela Sistina* das grutas, pelas preciosas ornamentações que contém. Mas ele não conhecia ainda os salões onde estávamos. Eu acabara de ver as mais belas e fantásticas esculturas da natureza.

Embora o cansaço, a quase exaustão, deixamos aquele lugar com pesar. Para baixo, para fora — esse era agora nosso objetivo. Agrupamo-nos à beira do Roncador, cujas águas limpas, transparentes, me pareceram mais frias do que nunca.

Faltavam vinte minutos para as duas horas da madrugada. Iniciamos a caminhada pelo rio em direção à saída da gruta. Apesar de mais sofrida, a viagem de volta não durou tanto tempo quanto a de ida. Alcançamos as pinguelas para turistas em uma hora e 55 minutos de caminhada ligeira. Vic Parisi estava a meu lado quando avistamos uma claridade a nossa frente, um pouco ao alto. "A luz do dia?", perguntou ele. Não era possível. Meu relógio marcava três horas e quarenta minutos, e eu tinha certeza de que não eram da tarde. A escuridão da caverna nos tirara a capacidade de distinguir a intensidade da luz. Andamos mais depressa e verificamos que a claridade vinha de fora da gruta. E não era dia.

Era noite quando saímos da caverna do Roncador, em Iporanga. A noite mais clara que já vi, apesar da ausência da Lua. As estrelas brilhavam mais do que de costume, e as montanhas que cercam o vale Betari-Alto Ribeira, imponentes, mostravam-se com nitidez... □

As dificuldades de acesso aos principais salões de Santana talvez nunca permitirão que eles sejam pontos turísticos. Essas fotos mostram alguns detalhes de suas variadas formações, escondidas a mais de quatro quilômetros longe da luz do dia. A gruta é tida como das mais bonitas do mundo.

